

## QUANTITATIVO E QUALITATIVO: UM CAMINHO PARA REFLEXÕES SOBRE O FAZER DO PROFESSOR

Cristina de Souza Vergnano JUNGER  
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

**ABSTRACT:** *This work aims at discussing the utilization of strategies on quantitative analysis as a support tool for the qualitative one of applied linguistics researches data. The quantitative approach used to analyze surveys points towards profound aspects of qualitative studies as much as validates conclusions achieved along the research process.*

**KEYWORDS:** *quantitative analysis; qualitative analysis; surveys; teaching-learning in foreign language.*

### 0. Introdução

No meio acadêmico costuma-se distinguir duas maneiras de propor o tratamento dos dados de uma pesquisa: por um lado, defende-se o enfoque quantitativo, com rigor matemático e métodos estatísticos; por outro, uma abordagem qualitativa que leve em consideração aspectos particulares de um fenômeno, sentimentos, opiniões e motivações, difíceis de medir quantitativamente. É importante ponderar, contudo, que, sendo impossível a um pesquisador dar conta da totalidade do conhecimento de certa realidade, “*diferentes abordagens de pesquisa podem projetar luz sobre diferentes questões*” (Goldenberg, 2000:61-62).

Partindo dessa reflexão, é objetivo deste trabalho discutir a utilização de estratégias de análise quantitativa como suporte para análise qualitativa de depoimentos de professores sobre sua atuação em sala.

### 1. Breves considerações sobre os processos de investigação

A discussão sobre a pertinência e validade das análises quantitativas e qualitativas de dados numa pesquisa, aqui exemplificada através de um estudo relacionado ao ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), deve ser precedida de reflexões sobre o próprio processo de investigação e coleta de informação, uma vez que se trata de uma etapa prévia à análise e conseqüentes conclusões. Toda pesquisa científica pressupõe como fases: (1) a definição do problema, (2) a elaboração de hipóteses e objetivos, (3) a confecção de instrumentos de coleta de dados adequados aos fins desejados, (4) a coleta e validação dos dados, (5) sua análise e tratamento e, finalmente, (6) a apresentação das conclusões (De Ketele. Roegiers, 1995).

A proposição de um problema e a definição dos objetivos relacionados à investigação levantam, junto ao pesquisador, as questões do *corpus* com o qual

vai trabalhar, de como coletá-lo e a que finalidade servirá. Além disso, segundo os objetivos propostos, ele terá um leque de opções no que se refere aos tipos de pesquisa: científica – de laboratório e de campo –, tecnológica, operativa e avaliadora, pesquisa-ação, exploratória, descritiva e especulativa.

É possível agrupar os procedimentos de investigação citados acima segundo alguns critérios. Com relação à previsão e controle dos instrumentos e etapas dos processos, observa-se a *exigência de controle* nos casos de pesquisas científicas, tecnológicas e descritivas, não sendo imprescindível nas demais. O mesmo vale para critérios como: (1) a *exigência de medidas válidas e confiáveis*, (2) o *caráter generalizante* e (3) a *possibilidade de repetição*. Merece ressalva, contudo, o fato de que, no caso da pesquisa exploratória, esta também pode ser repetida e, quando as medidas usadas têm validade reconhecida, devem ser consideradas<sup>1</sup>. Além deste caso, as pesquisas operativas e avaliadoras também requerem o mesmo cuidado com relação às medidas.

Definido, portanto, o problema, elaboradas as hipóteses dele derivadas e estabelecidos os objetivos, é possível escolher a melhor forma de levar adiante a pesquisa e determinar os instrumentos de coleta de informações mais adequados, tendo como base a função que exercerão no processo como um todo.

## 2. Alguns parâmetros para a definição de instrumentos de coleta de dados

Partindo do problema, normalmente formulado em termos de uma pergunta de investigação, o pesquisador define qual será o *corpus* necessário para desenvolver as discussões sobre suas hipóteses. Neste ponto, segundo De Ketele e Roegiers (1995), é preciso determinar que tipo de informação é desejado, partindo-se dos seguintes parâmetros: (1) se serão coletados fatos ou representações mentais; (2) se os dados terão caráter atributivo – quando a atenção volta-se para a presença ou ausência de objetos, das características do objeto ou da ação sobre ele –, ou caráter narrativo – fixando-se no desenvolvimento das ações, sucessão de estados efeitos e conseqüências posteriores da ação –; (3) se a coleta será feita ao longo de um determinado período de tempo – caráter longitudinal – ou num momento dado – caráter transversal – e, finalmente, (4) o grau de atribuição de significados que o pesquisador aplicará sobre os dados no momento de sua coleta. Neste último parâmetro, o que se observa é a quase inexistência de casos de pesquisa sem esses vieses na coleta de informações, uma vez que tal procedimento se refere à atribuição de significados ao material recolhido em função do contexto precedente ou conseqüente, além da própria experiência do sujeito que faz a coleta. Cabe, portanto, definir se ela será fraca – formulação escrupulosa do que é visto, sem atenção aos significados derivados dos fatos ou representações – ou forte, no caso contrário.

Após a definição do tipo da informação a ser recolhida, passa-se à etapa de avaliação sobre sua adequação à pesquisa e de escolha da estratégia de coleta a ser utilizada mais eficaz para o processo. O primeiro ponto a observar é se o acesso à informação procurada é viável. Outros parâmetros pertinentes nesta fase referem-se ao tipo de situação na qual se colherão os dados – natural ou criada para fins da pesquisa – e à possível existência de uma filtragem das informações

na sua origem, através do instrumento de coleta – situação manipulada, em oposição à não manipulada.

Estando seguro da obtenção dos dados e escolhido o método de coleta, o pesquisador define se esta será sistemática ou não. Em caso afirmativo, seu quadro de referências estará explícito, apontando para o uso de procedimentos coerentes e respeitáveis, com as condições de coleta padronizadas, e emprego de técnicas rigorosas que incluem as etapas de recolhimento de dados, sua pontuação e codificação (De Ketele. Roegiers, 1995:188).

O quadro referencial do investigador constitui o sistema de valores que segue (ou deve seguir). Pode ser definido inicialmente ou estruturar-se/modificar-se ao longo da investigação, tendo um caráter mais ou menos coercivo, segundo o tipo de pesquisa desenvolvido.

Um último fator que influencia a escolha, tanto do tipo de pesquisa, quanto do instrumento e do procedimento de coleta de dados, é o caráter livre ou controlado que a investigação possui. Isso depende diretamente do grau de submissão à pessoa ou instituição que encomenda a pesquisa, o que estabelecerá até que ponto o investigador tem liberdade para arbitrar sobre a natureza da informação coletada e seu posterior tratamento.

### 3. Definição do questionário como instrumento

Existem diversas formas de obter as informações necessárias ao desenvolvimento de uma pesquisa, por exemplo, entrevistas, observação, fontes documentais e questionários. Cada qual possui, tomando como base os parâmetros apresentados anteriormente, características próprias que imprimem vantagens e restrições de acordo com os objetivos pretendidos e as circunstâncias envolvidas no contexto da investigação. Ainda seguindo a sistematização de De Ketele e Roegiers (1995), no presente estudo, fixamo-nos no questionário.

Este instrumento de coleta de informação pode dar conta tanto de fatos quanto de representações, uma vez que recolhe, de acordo com as perguntas formuladas, declarações sobre comportamentos ou situações da mesma forma que opiniões a respeito desses aspectos. De igual maneira é versátil no que se refere à possibilidade de coletas de dados longitudinais ou transversais, de caráter atributivo ou narrativo, pois é possível aplicar questionários únicos, para determinado período, ou mais de um, em momentos diferentes, traçando um perfil dos fatos e/ou representações ao longo do tempo.

Em termos da situação na qual o instrumento se aplica, esta será natural sempre que o informante tiver a liberdade de respondê-lo no momento e circunstância que melhor lhe aprouver. Se, ao contrário, estiver diante do pesquisador e tiver que lhe devolver o material num certo espaço de tempo, num momento predeterminado para a sua participação, então, estaremos diante de uma situação criada.

Também a manipulação e o grau atribuição de significados aos dados coletados na fonte serão relativos dependendo de cada caso. Em questionários de múltipla escolha a inferência por parte do investigador será mais fraca que nos casos das perguntas abertas, que admitem maior atribuição de significados. Da mesma maneira, questionários elaborados pelos próprios sujeitos informantes

terão um grau de manipulação mais baixo, o que não acontece quando um instrumento é elaborado pelo pesquisador.

Os questionários tendem a apresentar os critérios de valor do investigador (quadro de referência) claramente explícito. Têm também muita importância a representatividade da amostra coletada e os processos de padronização, que lhe atribuem seu caráter sistemático. Essas características contribuem, assim, para sua confiabilidade e validação.

Esses aspectos permitem-nos avaliar o questionário como uma ferramenta aplicável a diferentes tipos de pesquisa e que conferem eficácia à atividade de coleta de dados.

Goldenberg (2000: 87-88) destaca, ainda, como vantagens do questionário o fato de ser pouco dispendioso, exigir menor habilidade para sua aplicação (se comparado à entrevista, por exemplo), poder ser aplicado a grande número de pessoas simultaneamente, permitir o envio por correio e dar maior liberdade ao informante para expressar-se, sob menor pressão e sem medo de desaprovação. No entanto, sua eficiência só será garantida na medida em que as informações coletadas forem passíveis de análise, seja pela participação daqueles que respondem às questões formuladas, seja pela adequação do instrumento. Isso requer uma metodologia sistemática para a sua confecção, sob pena de arriscar a pertinência do material obtido para o estudo ou a validade dos resultados conseguidos a partir da análise. Além do mais, sua estrutura rígida impede e/ou dificulta a expressão de sentimentos, o índice de respostas costuma ser baixo e é exigida da parte do informante a habilidade de leitura e escrita (Goldenberg, 2000:88).

A experiência que utilizamos como exemplo dos cuidados na elaboração do questionário está descrita em Junger (2002) e relaciona-se à coleta de informações sobre as representações a respeito do ensino de leitura no contexto de espanhol como língua estrangeira em cursos de graduação de português-espanhol.

#### 4. Uma aplicação de questionário como instrumento de coleta de dados

O ponto de partida da aplicação da metodologia de coleta de dados para a pesquisa na graduação em Português-Espanhol, após a definição dos informantes – professores universitários desses cursos na área do Grande Rio –, foi o estabelecimento dos objetivos, problemas e hipóteses que motivavam a construção do questionário, segundo Daher (1998)<sup>2</sup>. Os aspectos que serviram de base para a formulação de tais elementos foram obtidos pelo acesso aos programas/ementas de disciplinas de língua espanhola desses cursos, com foco no espaço ocupado explicitamente pela compreensão leitora nos documentos, em leituras teóricas sobre o tema e por observações assistemáticas da realidade de sala de aula, incluídos aqui posicionamentos de docentes e discentes, com suas representações sobre o ensino de uma LE, em diferentes ocasiões – congressos, aulas, reuniões.

As informações preliminares levaram à hipótese geral de que o trabalho com compreensão leitora no contexto dos cursos de formação universitária de profissionais de espanhol como língua estrangeira (E/LE) deveria apresentar-se de maneira heterogênea, sem bases teóricas explícitas. A partir daí, estabelece-

mos três possíveis perfis de prática docente: (1) tradicional, sem cuidados especiais em termos de desenvolvimento das competências leitoras; (2) interativo, com práticas que envolvessem pressupostos teóricos do modelo interacional de leitura, e (3) enunciativo-discursivo, cujo trabalho com texto teria base nas orientações da análise do discurso.

Para o desenvolvimento do questionário, portanto, consideramos, inicialmente, importantes os seguintes pontos: (a) conceito de leitura; (b) o espaço dedicado ao seu ensino; (c) o enfoque metodológico empregado para seu desenvolvimento; (d) os papéis dos sujeitos envolvidos no processo; (e) os efeitos e desdobramentos do trabalho em sala de aula. Decidimos, também, utilizar dois instrumentos: um primeiro com perguntas abertas e discursivas, que possibilitaria uma maior liberdade para o informante e um segundo, com questões objetivas de múltipla escolha, detalhando aspectos de cada possível abordagem didático-pedagógica, numa tentativa de minimizar vieses e facilitar a análise objetiva dos dados.

Uma prática que costuma ser subestimada por muitos é a aplicação de um estudo piloto. Depois de definidos os problemas<sup>3</sup> e compostas as perguntas dos questionários, era necessário comprovar que estas levariam aos objetivos traçados. Na época em que se desenvolveu o estudo – 2000/ 2001 – os cursos de Português- Espanhol na área do Grande Rio estavam restritos a nove instituições, entre públicas e privadas, com um contingente de professores que não era facilmente determinável, mas que girava em torno de não mais que cinquenta indivíduos. Sendo assim, consideramos que três informantes-piloto ofereceriam um bom apoio à avaliação do instrumento. Os três colegas responderam o primeiro e, depois, o segundo questionário, em seqüência e separadamente. Em ambos os casos, apresentaram não apenas suas opiniões e informações relacionadas à prática do ensino da leitura, como deram sugestões e fizeram críticas aos instrumentos em si – forma e conteúdo.

Algumas conclusões importantes foram tiradas a partir do piloto: (a) definimos que não era operacional nem relevante a utilização de dois questionários; (b) o questionário objetivo mostrou-se mais eficaz; (c) os problemas e as hipóteses previamente formuladas estavam adequados; (d) algumas alterações nas perguntas foram necessárias para melhor atender aos itens que eram investigados; (e) as perguntas sobre os papéis dos sujeitos envolvidos no processo e os efeitos e desdobramentos do trabalho em sala de aula não eram pertinentes naquela etapa, além de serem de difícil coleta e análise, tendo sido, portanto, eliminadas nessa etapa.

À aplicação do piloto, seguiu-se a distribuição do questionário aos docentes de espanhol em cursos de graduação que puderam ser identificados na área determinada para a pesquisa – num total de 48 existentes, foram contatados 42, dos quais, 22 devolveram o material. Constata-se, assim, uma importante limitação desse tipo de instrumento – a dificuldade em obter retorno por parte dos informantes.

Para a sua análise, foram estabelecidos pesos diferentes para cada uma de suas sete questões, segundo seu grau de relevância como definidoras dos três perfis docentes esperados, num total de 100 pontos.

**Pesos e valores das questões do questionário (Junger, 2002:88)**

Questão/ valor	Opções		
	Perfil 1	Perfil 2	Perfil 3
I 22 pontos	Peso 2: 1; 3 Valor unidade: 5,5	Peso 2: 2; 5; 6 Valor unidade: 3,66	Peso 2: 4; 7 Valor unidade: 5,5
II 20 pontos	Peso 2: 4; 6 Valor unidade: 5	Peso 2: 1; 3 Valor unidade: 5	Peso 2: 2; 5 Valor unidade: 5
III 1 ou 0	1= sim 0= não	1= sim 0= não	1= sim 0= não
IV 22 pontos	Peso 2: 1 Valor unidade: 11	Peso 2: 2 Valor unidade: 11	Peso 2: 3 Valor unidade: 11
V 15 pontos	Peso 2: 3; 5; 6 Valor unidade: 2,5	Peso 2: 1; 4; 7 Valor unidade: 2,5	Peso 2: 2; 8 Valor unidade: 3,75
VI 10 pontos	Peso 2: 1; 3 Peso 1: 2 Valor unidade: 2	Peso 1: 2; 4 Valor unidade: 5	Peso 1: 4 Valor unidade: 10
VII 10 pontos	Peso 2: 2; 4; 6; 8; 9 Peso 1: 1 Valor unidade: 0,90	Peso 1: 1; 3; 5; 7 Valor unidade: 2,5	Peso 2: 10 Peso 1: 1; 3; 5; 7 Valor unidade: 1,66

O tratamento dos dados foi, numa primeira etapa, quantitativo. Utilizamos como método a estatística descritiva e a análise exploratória de dados, observando: quantos professores encaixavam-se em cada perfil, quais grupos de características<sup>4</sup> tinham mais peso na definição desse perfil, a homogeneidade e heterogeneidade na distribuição das características indicadas por cada informante para a sua prática. Os valores obtidos pela análise quantitativa permitiram descrever o grupo investigado como apresentando prioritariamente um perfil de trabalho orientado por uma base teórica de leitura interativa. Contudo, os dados numéricos apontaram para o fato de que tal caracterização não ocorre de forma homogênea. Na verdade, muitos dos professores optaram por aspectos inerentes aos diferentes perfis. A maior homogeneidade foi observada nos docentes do perfil três e, entre os três temas analisados, foi o segundo – espaço dedicado à leitura no ensino de E/LE – o que se destacou e sustentou a inclusão dos informantes num determinado grupo.

A relevância, no entanto, desse procedimento quantitativo não se limitou à simples contagem para a definição dos conjuntos de professores. A partir da visualização dos números de cada perfil e da distribuição da incidência de suas características foi possível levantar questionamentos a respeito da heterogeneidade do trabalho docente, principalmente no que se refere ao campo teórico-metodológico, já que nenhum dos informantes apresentou características exclusivas de determinado perfil e a maioria eximiu-se de indicar uma base teórica na qual apoiasse seu trabalho com leitura. A metodologia quantitativa esteve, assim, a serviço da qualitativa, dando-lhe suporte para a proposição de discussões e validando algumas conclusões.

Essa pesquisa, que exemplifica a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas, trouxe, ainda, reflexões sobre os campos que poderiam ser explorados no futuro, no mesmo âmbito nela trabalhado. Uma ampliação dos informantes e do *corpus* coletado, bem como a alteração do questionário para

admitir a atribuição de valores/ índices de frequência de uso das opções oferecidas para cada tema<sup>5</sup>, favoreceriam a adoção de procedimentos de inferência para a população, análises de agrupamentos e análise de fatores (variáveis latentes). Isso contribuiria para novas análises qualitativas mais profundas que poderiam indicar sugestões de outras formas de atuação docente e/ou de formação dos futuros professores nos cursos de graduação.

## 5. Considerações finais

No âmbito dos estudos lingüísticos, observa-se a utilização de métodos quantitativos em procedimentos para identificar frequência de ocorrência de fenômenos em textos, orais ou escritos. Destacamos, contudo, a possibilidade de seu uso para o estudo de sujeitos – suas crenças e atuações – à maneira do que é desenvolvido em pesquisas no campo das Ciências Sociais.

Conforme vimos discutindo ao longo deste trabalho, cada problema levantado, tipo de pesquisa, objeto e objetivos do pesquisador levam à definição de um melhor tipo de técnica e procedimento. Nem podemos considerar como verdade absoluta o fato de que uma abordagem qualitativa compromete totalmente a objetividade de uma investigação, nem devemos acreditar que o tratamento quantitativo simplifica o objeto ou prejudica a compreensão do seu significado, pelo foco depositado nas questões matemáticas. A conjunção do quantitativo e do qualitativo gera um cruzamento de conclusões que permite constatar que os dados não são apenas produto de uma situação particular (Goldenberg, 2000). Trata-se, portanto, de métodos complementares, não mutuamente excludentes, que enriquecem o processo de pesquisa, na medida em que ampliam o campo da descrição. Se o qualitativo traz a oportunidade de investigar aspectos dificilmente quantificáveis, como opiniões, sentimentos, motivações e crenças, o quantitativo fortalece os argumentos com base em dados mensuráveis e oferece pistas para o aprofundamento de questões já pesquisadas ou a pesquisar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAHER, Maria Del Carmen González. 1998. Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. *The ESpecialist*, vol 19, nº especial, São Paulo: Cepril/ Educ: 287- 303.
- DE KETELE, J. M. Vers une redécouverte de l'identité de la pédagogie expérimentale. *Laboratoire de Pédagogie Expérimentale, Hommage au Professeur Arthur Gilles, Méthodologie de l'enseignement, histoire et recherche en pédagogie*. Louvain-la Neuve: Université Catholique, Lovaina.
- DE KETELE, J.M. ROEGIERS, Xavier. *Metodología para la recogida de información*. Madrid: La Muralla, 1995
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- JUNGER, Cristina de Souza Vergnano. *Leitura e ensino de espanhol como língua estrangeira: um enfoque discursivo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002. Tese de Doutorado, não publicada.

## NOTAS

<sup>1</sup> De Ketele (1984) esclarece que, no caso de observações de fenômenos cujo conhecimento é reduzido, a exigência de medidas válidas e fiáveis para pesquisas exploratórias não procede.

<sup>2</sup> O referido trabalho propõe uma metodologia para a elaboração de entrevistas. No entanto, foi possível adaptá-la às necessidades e especificidades desse novo instrumento.

<sup>3</sup> Na pesquisa, elaboramos os seguintes problemas: (1) que conceito de língua apresentam os docentes de E/LE; (2) em que contexto e para que os docentes trabalham com a leitura nas aulas de E/LE; (3) quais a natureza/característica dos materiais usados e os pressupostos teóricos seguidos na forma como os docentes implementam a leitura no espaço da aula de E/LE; (4) para quem está dirigido o processo de ensino-aprendizagem de leitura e como interagem os alunos nas aulas; (5) o que pretende alcançar o docente com o trabalho de leitura na aula de E/LE e como procede à sua avaliação.

<sup>4</sup> Os grupos de características referem-se aos temas abordados: (1) conceito de leitura; (2) espaço dedicado a ela no ensino de E/LE e (3) aspectos metodológicos usados para desenvolvê-la.

<sup>5</sup> A proposta seria que o informante atribuísse graus – irrelevante, pouco relevante, relevante, muito relevante, por exemplo – a cada item apresentado (aspectos envolvidos na leitura, conteúdos, materiais usados etc), permitindo estabelecer-se uma análise mais fina de que componentes estão presentes na sua prática e em que medida.